



UMA ANÁLISE LITERÁRIA DE POLICARPO QUARESMA EM O *TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA*, DE LIMA BARRETO: NACIONALISTA OU LOUCO? DE TUDO UM POUCO!

A LITERARY ANALYSIS OF *POLICARPO QUARESMA* IN O *TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA*, FROM LIMA BARRETO: NATIONALIST OR CRAZY? A LITTLE BIT OF EVERYTHING!

Maria Rafaelle de Moura Silva¹

Francisco Jeimes de Oliveira Paiva²

Fátima Maria Leitão Araújo³

DOI: 10.26512/aguaviva.v3i1.12203

Recebido em: 20 abr. 2018

Aceito em: 20 mai. 2018

RESUMO: Este trabalho objetiva a investigar a construção da identidade e das representações do povo brasileiro por meio das vozes e dos discursos do personagem Policarpo Quaresma, levando em conta a análise literária crítica que empreendemos na leitura interdisciplinar que focalizamos, sobretudo no enredo do romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, escrito pelo pré-modernista Lima Barreto. Para tanto, pautamo-nos teórico-metodologicamente nas perspectivas epistemológicas de Marilena Chauí (1987) e Renato Ortiz (2013), entre outros. Chegamos ao arremate que este estudo possibilitou outras leituras sobre a cultura brasileira daquela época, logo salientamos que a compreensão de como a literatura pode expressar sobre o contexto histórico de determinados grupos sociais, presentes na obra, além de enalteçemos as características estéticas da escrita deste escritor negro carioca no contexto da literatura brasileira, através do conjunto narratológico, resultado de um nacionalismo ufânico e, ao mesmo tempo, no fluxo de consciência crítica de seu protagonista Policarpo Quaresma.

Palavras-chave: Policarpo Quaresma; Cultura brasileira; Nacionalismo Ufânico.

¹ Mestranda em História e Letras da Faculdade de Educação e da Universidade Estadual do Ceará. Professora da Faculdade Cisne. E-mail: rafaellemoura@hotmail.com

² Mestrando em História e Letras, da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central, *campus* da Universidade Estadual do Ceará. Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literaturas. Especialista em Gestão Escolar e Práticas Pedagógicas. Licenciado em Letras pela Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, *campus* da Universidade Estadual do Ceará. E-mail: geimesraulino@yahoo.com.br

³ Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (2007). Atualmente é Professora Associada do Curso de Graduação em História e do Mestrado Interdisciplinar em História e Letras - MHIL e do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE, da Universidade Estadual do Ceará-UECE. E-mail: fatima.leitao@uece.br



ABSTRACT: This work aims to investigate the construction of the identity and representations of the Brazilian people through the voices and speeches of the character *Policarpo Quaresma*, taking into account the critical literary analysis that we undertake in the interdisciplinary reading that we focus, especially in the plot of the novel *Triste fim de Policarpo Quaresma*, written by the premodernist Lima Barreto. For that, we set ourselves theoretically-methodologically in the epistemological perspectives of Marilena Chauí (1987) and Renato Ortiz (2013), among others. We came to the conclusion that this study allowed other readings on the Brazilian culture of that time, so we emphasize that the understanding of how literature can express about the historical context of certain social groups present in the work, besides extolling the aesthetic characteristics of this writer's writing black carioca in the context of Brazilian literature, through the narratological ensemble, the result of a fanatic nationalism and, at the same time, in the flow of critical consciousness of its protagonist *Policarpo Quaresma*.

Keywords: *Policarpo Quaresma*; Brazilian culture; Fanatic nationalism.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A OBRA *TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA*

O romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, publicado em 1915, de Afonso Henrique de Lima Barreto, nascido no Rio de Janeiro, em 1881, mulato que tinha uma vida humilde, regada ao preconceito social. Residia no subúrbio e possuía um pai alcoólatra. Lima Barreto estudou na Escola politécnica, mas teve que deixar seus estudos para trabalhar e sustentar sua família. O escritor surge quando consegue passar em um concurso público, onde passou a dedicar-se ao jornalismo e à literatura, possibilitado pelo *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro.

Lima tratou a literatura como uma arma para lidar com os problemas enfrentados pela sociedade, registrando com criticidade e minúcia muitos aspectos da vida social e política do contexto e período social. Trouxe para ela um retrato de seus pensamentos sobre a época, como se em uma autobiografia.

Escreveu romances, em um período pré-modernista, trazendo reflexos do Realismo e naturalismo, através do uso de uma linguagem bem próxima da fala, do culto à natureza e da focalização dos problemas reais do Brasil da época. Diferentemente de Rui Barbosa e Olavo Bilac, escritores da época, que se utilizavam do modo artificial e erudito de escrever, Lima trabalhou uma linguagem anacrônica, juntando linguagem culta



e a língua cotidiana, através de um estilo leve e fluente, próprios do jornalismo e da fala coloquial. Fatores que agradaram escritores modernistas da Semana de 1922.

Dentre suas obras destacou-se o *Triste fim de Policarpo Quaresma*, que foi seu segundo romance, e se tornou sua obra mais conhecida. Nela, ele trouxe à tona os preconceitos da sociedade contra os mestiços e pobres, a insensibilidade dos ricos, a superficialidade dos burocratas e a corrupção dos políticos.

A exposição crítica da vida política, social e cultural do Brasil de sua época, feita através de uma linguagem despojada e inconformista, não deixa de expor as agruras dos mulatos, em oposição à recente libertação dos escravos, a condição fragilizada dos intelectuais subordinados aos modelos europeus, o militarismo estreito e pernicioso, a impotência da imprensa, a fragilidade da economia do país, a crueldade da vida nos manicômios e até mesmo a condição da mulher naquele momento (BRAIT, 1993, p. 7).

Nessa abordagem o autor encontrou uma forma de criticar a sociedade e despertar a consciência social através de suas obras trazendo à tona os preconceitos da sociedade contra os mestiços e pobres, a insensibilidade dos ricos, a superficialidade dos burocratas, a corrupção dos políticos e a esterilidade dos falsos artistas.

Triste fim de Policarpo Quaresma foi seu segundo romance e se tornou sua obra mais conhecida. Ela foi publicada enquanto Lima ainda estava vivo, diferente de muitas de suas obras que foram publicadas depois de sua morte. Ele trabalhou no jornal *Jornal do Comércio* até sua aposentadoria aos 37 anos, quando tentou ingressar na Academia Brasileira de Letras, sem obter êxito. Entregou-se à boemia e ao alcoolismo, falecendo prematuramente aos 41 anos de idade.

Quem foi Policarpo Quaresma: nacionalista ou louco?

Triste Fim de Policarpo Quaresma foi a obra mais famosa de Lima Barreto. Inicialmente foi publicada nos folhetins do jornal do comércio, no Rio de Janeiro, em 1911, e, posteriormente em formato de livro, em 1915, tendo sua edição custeada pelo próprio Lima Barreto.

Nas linhas iniciais do romance, Lima Barreto nos apresenta Policarpo Quaresma, um patriota exaltado, visionário e ingênuo, através de uma sátira impiedosa e bem-humorada do Brasil oficial, trazendo consigo um nacionalismo caricaturado e utópico,



através de uma tentativa de desconstrução da nacionalidade brasileira pautada em moldes europeus. Ele realizou uma crítica à Sociedade Brasileira, que para Marilena Chauí (1987) trata-se de uma sociedade autoritária:

É uma sociedade na qual as diferenças e assimetrias sociais são imediatamente transformadas em desigualdades, e estas, em relações de hierarquia, mando e obediência (situação que vai da família ao estado, atravessa as instituições públicas e privadas, permeia a cultura e as relações interpessoais). Os indivíduos se distribuem imediatamente em superiores e inferiores, ainda que alguém superior numa relação possa tornar-se inferior em outra, dependendo dos códigos de hierarquização que regem as relações sociais e pessoais (CHAUI, 1987, p. 54).

Policarpo, nosso protagonista, que, segundo os preceitos de Marilena Chauí, poderia ser considerado um resistente, possuía um Nacionalismo doentio por querer que tudo que fizesse parte de sua vida pertencesse ao Brasil, inclusive sua alimentação, fato este questionado por sua irmã Adelaide: “- É uma mania de seu amigo, Senhor Ricardo, esta de só querer coisas nacionais, e a gente tem que ingerir cada droga, chi!” (BARRETO, 1992, p. 25).

Além dela, muitos lhe criticavam por suas atitudes nacionalistas, como a leitura de vários livros escritos por autores brasileiros, como Bento Teixeira, Gregório de Matos, Basílio da Gama, Santa Rita Durão, José de Alencar, Macedo e Gonçalves Dias e o estudo de historiadores brasileiros: Gabriel Soares, Rocha Pita, Frei Vicente Salvador, Armitage, Aires Casal, Pereira da Silva, dentre outros. Eles acreditavam que Quaresma não era digno nem de ler e que, por estar tendo atitudes que não condiziam com seu posto social, estava próximo a loucura:

— Nem se podia esperar outra coisa, disse o doutor Florêncio. Aqueles livros, aquela mania de leitura... —Pra que ele lia tanto? indagou Caldas. —Telha de menos, disse Florêncio. Genelício atalhou com autoridade: —Ele não era formado, para que meter-se em livros? —É verdade, fez Florêncio. —Isto de livros é bom para os sábios, para os doutores, observou Sigismundo. —Devia até ser proibido, disse Genelício, a quem não possuísse um título "acadêmico" ter livros. Evitavam-se assim essas desgraças. Não acham? —Decerto, disse Albernaz. —Decerto, fez Caldas. —Decerto, disse também Sigismundo (BARRETO, 1992. p. 53).

Mas ele não desistia, pois gostava muito de estudar sobre o Brasil:



Durante os lazes burocráticos, estudou, mas estudou a Pátria, nas suas riquezas naturais, na sua história, na sua geografia, na sua literatura e na sua política. Quaresma sabia as espécies de minerais, vegetais e animais que o Brasil continha; sabia o valor do ouro, dos diamantes exportados por Minas, as guerras holandesas, as batalhas do Paraguai, as nascentes e o curso de todos os rios. Defendia com azedume e paixão a proeminência do Amazonas sobre todos os demais rios do mundo. Para isso ia até ao crime de amputar alguns quilômetros ao Nilo e era com este rival do "seu" rio que ele mais implicava. Ai de quem o citasse na sua frente! (BARRETO, 1992, p. 21).

Percebia o Brasil como um país desenvolvido. Chegando a considera-lo superior à Inglaterra em suas riquezas naturais e minerais:

Para bem se compreender o motivo disso, é preciso não esquecer que o major, depois de trinta anos de meditação patriótica, de estudos e reflexões, chegava agora ao período da frutificação. A convicção que sempre tivera de ser o Brasil o primeiro país do mundo e o seu grande amor à Pátria eram agora ativos e impeliram-no a grandes cometimentos. Ele sentia dentro de si impulsos imperiosos de agir, de obrar e de concretizar suas ideias. Eram pequenos melhoramentos, simples toques, porque em si mesma (era a sua opinião), a grande Pátria do Cruzeiro só precisava de tempo para ser superior à Inglaterra (BARRETO, 1992, p. 31).

Ele sonhava em resgatar os costumes do povo Brasileiro. Tentou em um determinado momento, reencontrar pessoas que soubessem cantos do tempo da escravidão. Mas não obteve êxito e se frustrou diante de uma antiga escrava:

Quaresma vinha desanimado. Como é que o povo não guardava as tradições de trinta anos passados? Com que rapidez morriam assim na sua lembrança os seus folgares e as suas canções? Era bem um sinal de fraqueza, uma demonstração de inferioridade diante daqueles povos tenazes que os guardam durante séculos! Tornava-se preciso reagir, desenvolver o culto das tradições, mantê-las sempre vivazes nas memórias e nos costumes [...] (BARRETO, 1992, p. 35).

Era um funcionário da administração pública, metódico, disciplinado e amante da literatura e história do Brasil. Aprendeu tupi guarani e tentou agir como os índios agiam, passando a receber pessoas chorando:

Abriu, mas não apertou a mão. Desandou a chorar, a berrar, a arrancar os cabelos, como se tivesse perdido a mulher ou um filho. A irmã correu lá de dentro, o Anastácio também, e o compadre e a filha, pois eram eles, ficaram, estupefatos no limiar da porta. —Mas que é isso, compadre? —Que é isso, Policarpo? —Mas, meu padrinho... Ele ainda



chorou um pouco. Enxugou as lágrimas e, depois, explicou com a maior naturalidade: —Eis aí! Vocês não têm a mínima noção das coisas da nossa terra, Queriam que eu apertasse a mão... Isto não é nosso! Nosso cumprimento é chorar quando encontramos os amigos, era assim que faziam os tupinambás (BARRETO, 1992, p. 38).

Tratava-se de um período republicano, onde o Brasil era governado por Floriano Peixoto, em uma época de reformas radicais. Esta retratava um militarismo exagerado da nossa política republicana, que levou o país à ditadura de Floriano Peixoto, durante um período de conflito entre os militares da linha dura e a elite civil, que almejava um governo descentralizado e federalista, aspirando uma centralização do poder.

Ele não aceitava que o Brasil permanecesse com traços dos colonizadores e agia radicalmente sobre isto. Mas sua postura crítica lhe causava muitos danos, como comenta Brait (1992, p. 9): “[n]o final da primeira fase, depois de ter enviado ao congresso nacional um requerimento solicitando a decretação do tupi-guarani como língua oficial e nacional do povo brasileiro, pois estava convencido de que era a verdadeira língua brasileira, acaba num manicômio”.

Seu patriotismo era tão exacerbado que chegou a mandar um documento ao Congresso Nacional, propondo a substituição do português pelo tupi-guarani, considerando esta última a legítima língua brasileira, argumentando que não podemos dominar uma língua que não é nossa. Sendo neste caso, considerado como louco pelos amigos e pelo presidente Floriano Peixoto.

— usando do direito que lhe confere a Constituição, vem pedir que o Congresso Nacional decrete o tupi-guarani, como língua oficial e nacional do povo brasileiro. O suplicante, deixando de parte os argumentos históricos que militam em favor de sua idéia, pede vênua para lembrar que a língua é a mais alta manifestação da inteligência de um povo, é a sua criação mais viva e original; e, portanto, a emancipação política do país requer como complemento e consequência a sua emancipação idiomática. Demais, Senhores Congressistas, o tupi-guarani, língua originalíssima, aglutinante, é verdade, mas a que o poli sintetismo dá múltiplas feições de riqueza, é a única capaz de traduzir as nossas belezas, de pôr-nos em relação com a nossa natureza e adaptar-se perfeitamente aos nossos órgãos vocais e cerebrais, por ser criação de povos que aqui viveram e ainda vivem, portanto possuidores da organização fisiológica e psicológica para que tendemos, evitando-se dessa forma as estereis controvérsias gramaticais, oriundas de uma difícil adaptação de uma língua de outra região à nossa organização cerebral e ao nosso aparelho vocal — controvérsias que tanto empecem o progresso da nossa cultura literária, científica e filosófica (BARRETO, 1992, p. 55).



Dos aspectos estéticos pré-modernistas de Lima Barreto às múltiplas concepções da identidade cultural brasileira

Esta obra fez parte do período Pré-modernista, trazendo consigo a subjetividade, a idealização do feminino, ressaltando que sua afilhada Olga, era diferente das Brasileiras, que só tinham como fim o casamento. Olga parecia uma europeia:

Adivinha-se, entretanto, que a moça ocupava-lhe no coração o lugar dos filhos que não tivera nem teria jamais. A menina vivaz, habituada a falar alto e desembaraçadamente, não escondia a sua afeição tanto mais que sentia confusamente nele alguma coisa de superior, uma ânsia de ideal, uma tenacidade em seguir um sonho, uma ideia, um vôo enfim para as altas regiões do espírito que ela não estava habituada a ver em ninguém do mundo que frequentava. Essa admiração não lhe vinha da educação. Recebera a comum às moças de seu nascimento. Vinha de um pendor próprio, talvez das proximidades europeias do seu nascimento, que a fizeram um pouco diferente das nossas moças (BARRETO, 1992, p. 07).

As mulheres no romance, tendo como exemplo Ismênia, a filha do General Albernaz, e sua mãe Maricota, eram “programadas” para casar e servir aos seus maridos, tendo como parâmetro a mãe, que era ativa e diligente, não havendo dona de casa mais econômica, poupada e que fizesse render mais o dinheiro do marido e o serviço das criadas.

Noiva havia quase cinco anos, Ismênia já se sentia meio casada. Esse sentimento junto à sua natureza pobre fê-la não sentir um pouco mais de alegria. Ficou no mesmo. Casar, para ela, não era negócio de paixão, nem se inseria no sentimento ou nos sentidos; era uma ideia, uma pura ideia. Aquela sua inteligência rudimentar tinha separado da ideia de casar o amor, o prazer dos sentidos, uma tal ou qual liberdade, a maternidade, até o noivo. Desde menina, ouvia a mamãe dizer: "Aprenda a fazer isso, porque quando você se casar"... ou senão: "Você precisa aprender a pregar botões, porque quando você se casar..." A todo instante e a toda hora, lá vinha aquele — "porque, quando você se casar..." — e a menina foi se convencendo de que toda a existência só tendia para o casamento. A instrução, as satisfações íntimas, a alegria, tudo isso era inútil; a vida se resumia numa coisa: casar. De resto, não era só dentro de sua família que ela encontrava aquela preocupação. No colégio, na rua, em casa das famílias conhecidas, só se falava em casar. "Sabe, Dona Maricota, a Lili casou-se, não fez grande negócio, pois parece que o noivo não é lá grande coisa"; ou então: "A Zezé está doida para arranjar casamento, mas é tão feia, meu Deus!..". A vida, o mundo, a variedade intensa dos sentimentos, das ideias, o nosso próprio direito à felicidade, foram parecendo ninharias para aquele cerebrosinho; e, de



tal forma casar-se se lhe representou coisa importante, uma espécie de dever, que não se casar, ficar solteira, "tia", parecia-lhe um crime, uma vergonha (BARRETO, 1992, p. 42-43).

Diante do escárnio da sociedade sobre seu requerimento de uso da língua tupi como oficial, Quaresma irritou-se e decidiu partir para um outro momento de sua vida.

Tudo isto irritava profundamente Quaresma. Vivendo há trinta anos quase só, sem se chocar com o mundo, adquirira uma sensibilidade muito viva e capaz de sofrer profundamente com a menor coisa. Nunca sofrera críticas, nunca se atirou à publicidade, vivia imerso no seu sonho, incubado e mantido vivo pelo calor dos seus livros. Fora deles, ele não conhecia ninguém; e, com as pessoas com quem falava, trocava pequenas banalidades, ditos de todo dia, coisas com que a sua alma e o seu coração nada tinham que ver (BARRETO, 1992, p. 56).

Escreveu, por engano, um ofício em tupi-guarani e o enviou ao ministro de guerra, fato que o leva à suspensão do cargo. Tido como insano, é internado em um hospício por 06 meses.

No governo de Floriano Peixoto, por seis meses a esquadra rebelde ocupa o porto do Rio e causa pânico na cidade, que chega a ser bombardeada. Esses momentos de arbítrio serão imortalizados por Lima Barreto em *Triste fim de Policarpo Quaresma*.

Certamente, é um romance sobre o exercício do poder, as questões democráticas, o direito à cidadania. Na representação literária de Floriano Peixoto não surge qualquer ambiguidade, nenhuma simpatia ou laivo de admiração por uma possível figura forte, caudilhesca. Bem ao contrário, o homem que iria “enfeixar em suas mãos, durante quase um ano, tão fortes poderes, poderes de um Imperador romano” é visto por Policarpo como uma figura vulgar e desoladora, sem qualquer dote superior em quem “a sua preguiça, a sua tibieza de ânimo e o seu amor fervoroso pelo lar deram em resultado esse homem talvez”, cuja concepção de governo “era de uma tirania doméstica. O bebê portou-se mal, castiga-se”.

O romance foi escrito em 1915, é dividido em três fases, contendo cinco capítulos cada uma. Na primeira fase, Policarpo se dedica a um Projeto cultural. Ocorre no subúrbio carioca, revelando o mundo vago da burguesia, medíocre, e a república com seu militarismo exagerado. Nesta fase, Policarpo, um funcionário público, vive isolado com sua irmã Adelaide e Ricardo Coração dos outros, seu professor de violão.



A segunda fase foi marcada pela saída de Policarpo do manicômio e sua ida para um sítio isolado, que chamou de sossego, no interior do Rio de Janeiro. Desde aí, passou a dedicar-se à agricultura, sendo acompanhado por sua irmã Adelaide e por seu serviçal o preto Anastácio, neste momento do romance ocorre a valorização quase utópica a fauna e flora brasileira. Nesta ele tentou provar que na terra brasileira, na tentativa de provar que tudo que se plantava dava. Que era questão de método e de dedicação, já que considerava o solo brasileiro o mais fértil do mundo.

Seu projeto agrícola não deu certo. Ele foi multado pelos políticos, sua estrutura agrícola não produziu boas safras e as formigas saúvas devoraram sua lavoura. Com isto, Policarpo percebeu o descaso do governo para com a população rural e considerou necessária a implantação de uma administração diferente.

Não demora muito e os efeitos de seu idealismo começam a surgir: um artigo sobre intrusos publicado no formal local, a invasão das saúvas (que Macunaíma irá citar em um de seus discursos como praga nacional), o insucesso dos instrumentos meteorológicos, a impotência diante da terra ruim e da falta de recursos governamentais são alguns dos percalços que, ao final dessa segunda parte, transformam novamente o Major Quaresma em um perdedor. Essa nova derrota, em que o nacionalismo ingênuo se anula diante da realidade agrária do país, coincide com a euforia em torno do Marechal Floriano Peixoto e dá ao protagonista mais um motivo de luta: a certeza de que um governo forte poderá mudar o sistema e melhorar o Brasil. (BRAIT, 1993, p. 9).

Na segunda parte, há um projeto agrícola, onde Policarpo decepciona-se com sua pátria:

O tupi encontrou a incredulidade geral, o riso, a mofa, o escárnio; e levou-o à loucura. Uma decepção. E a agricultura? Nada. As terras não eram ferazes e ela não era fácil como diziam os livros. Outra decepção. E, quando o seu patriotismo se fizera combatente, o que achara? Decepções. Onde estava a doçura de nossa gente? Pois ele não a viu combater como feras? Pois não a via matar prisioneiros, inúmeros? Outra decepção. A sua vida era uma decepção, uma série, melhor, um encadeamento de decepções. A pátria que quisera ter era um mito; era um fantasma criado por ele no silêncio do seu gabinete. Nem a física, nem a moral, nem a intelectual, nem a política que julgava existir, havia, A que existia de fato, era a do Tenente Antonino, a do doutor Campos, a do homem do Itamarati (BARRETO, 1998, p. 115).

Marilena Chauí, 1987, consoante análise da personagem de Policarpo, aponta alguns fatores negativos da agricultura brasileira:



É uma sociedade na qual a estrutura da terra e a implantação da agroindústria criaram não só o fenômeno da migração, mas figuras novas na paisagem dos campos: os sem-terra, volantes, boias frias, diaristas sem contrato de trabalho e sem as mínimas garantias trabalhistas. Trabalhadores cuja jornada de trabalho se inicia por volta das três da manhã, quando se colocam à beira das estradas à espera de caminhões que irão leva-los ao trabalho, e termina por volta das seis horas da tarde, quando são depositados de volta à beira das estradas, devendo fazer o longo trajeto a pé até à casa. Frequentemente os caminhões se encontram em péssimas condições e são constantes os acidentes fatais, em que morrem dezenas de trabalhadores, sem que suas famílias recebam qualquer indenização (CHAUI, 1987, p. 59).

Fazendo parte da sociedade brasileira, segundo Marilena, Policarpo enquanto cidadão brasileiro tem direito de realizar reivindicações e ele o faz.

[...] como exigência do estabelecimento de um novo modelo econômico destinado à redistribuição mais justa da renda nacional, de tal modo que não só se faça a excessiva concentração da riqueza e seja modificada a política social do estado, mas sobretudo a exigência de que as classe trabalhadoras possam defender seus interesses e direitos tanto através dos movimentos sociais, sindicais e de opinião pública, quanto pela participação direta nas decisões concernentes às condições de vida e de trabalho. Neste nível, a cidadania surge como emergência sócio-política dos trabalhadores (desde sempre excluídos de todas as práticas decisórias no Brasil) e como questão de justiça social e econômica. Assim, representação, liberdade e participação têm sido a tônica das reivindicações democráticas que ampliaram a questão da cidadania, fazendo-a passar do plano político institucional ao da sociedade como um todo (CHAUI, 1987, p. 62).

Na última fase, Lima faz uma crítica ao militarismo exacerbado, que esconde negligências, como a titulação comprada por Policarpo:

— Folgo muito que o senhor concorde comigo... Vejo que é um patriota..." Resolvi por isso fazer um rateio pelos oficiais, em proporção ao posto: um alferes concorre com cem mil-réis, um tenente com duzentos... O senhor que patente quer? Ah! É verdade! O senhor é major, não é? Quaresma então explicou por que o tratavam por major. Um amigo, influência no Ministério do Interior, lhe tinha metido o nome numa lista de guardas-nacionais, com esse posto. Nunca tendo pago os emolumentos, viu-se, entretanto, sempre tratado major, e a coisa pegou. A princípio, protestou, mas como teimassem deixou. — Bem, fez Bustamante. O senhor fica mesmo sendo major. — Qual é a minha quota? — Quatrocentos mil-réis. Um pouco forte, mas... O senhor sabe; é um posto importante... (BARRETO, 1998, p. 73).



E, finalizando esta fase em que Policarpo havia ficado à frente da revolta das armadas e lutado pela integridade de seu país, mesmo não o amando e idolatrando como antes, é visto como um traidor e sua vida é retirada pelos companheiros de farda.

É uma sociedade na qual a luta de classes é identificada apenas com os momentos de confronto direto entre as classes- situação na qual é considerada “questão de polícia” - sem que se considere sua existência cotidiana através das técnicas de disciplina, vigilância, repressão, realizadas por meio das próprias instituições dominantes- isto é, quando a luta de classes é encarada como “questão de política” (CHAUI, 1987, p. 56).

E, antes de morrer, Policarpo repensa sobre seu amor à pátria...e se arrepende:

Iria morrer, quem sabe se naquela noite mesmo? E que tinha ele feito de sua vida? Nada. Levava toda ela atrás da miragem de estudar a pátria, por amá-la e querê-la muito, no intuito de contribuir para a sua felicidade e prosperidade. Gastara a sua mocidade nisso, a sua virilidade também; e, agora que estava na velhice, como ela o recompensava, como ela o premiava, como ela o condecorava? Matando-o. E o que não deixara de ver, de gozar, de fruir, na sua vida? Tudo. Não brincara, não pandegara, não amara — todo esse lado da existência que parece fugir um pouco à sua tristeza necessária, ele não vira, ele não provara, ele não experimentara. [...] Pareceu-lhe que essa ideia como que fora explorada pelos conquistadores por instantes sabedores das nossas subserviências psicológicas, no intuito de ser- vir às suas próprias ambições... Reviu a história; viu as mutilações, os acréscimos em todos os países históricos e perguntou de si para si: como um homem que vivesse quatro séculos sendo francês, inglês, italiano, alemão, podia sentir a Pátria? (BARRETO, 1998, p. 196-197).

Dos conceitos de cultura brasileira: o olhar e os pensamentos de Policarpo Quaresma à luz das teorias literárias e da cultura nacional brasileira

Lima Barreto, representado por Quaresma, vai de encontro com os pensamentos de Otto Bauer, uma vez em que o Major não desejava sofrer influência cultural portuguesa e europeia, o que rompe com a concepção de cultura de Bauer:

A cultura reveste-se porém de outro significado ao associar-se à problemática do nacional, adquire agora uma dimensão agregadora. Se os membros de uma população territorial encontram-se separados pela distância geográfica, pela origem de classe, pelo fato de serem cidadãos ou camponeses, um mesmo conjunto deve envolvê-los para que façam parte de uma unidade comum. A cultura é a consciência coletiva que vincula os indivíduos uns aos outros. Por isso Otto Bauer define a nação



como uma “comunidade cultural”, ela deve preservar os traços de seu passado histórico, sua herança, e transmiti-la para as próximas gerações (daí a importância do papel da escola). (BAUER, 1979, *apud* ORTIZ, 2013, p. 612).

Talvez Policarpo tivesse um pensamento semelhante ao de Nina Rodrigues, Sílvio Romero e Paulo Prado, quando este tentava dissociar a cultura brasileira da cultura Portuguesa, acreditando que a mistura do Brasileiro com os costumes Portugueses, não permitia o crescimento do Brasil.

No entanto, malgrado as diferenças, do ponto de vista político, a interpretação de Paulo Prado aproxima-se à de Sílvio Romero ou de Nina Rodrigues. Por caminhos distintos, ambas diagnosticam os desafios existentes dentro de uma ótica pessimista. Tristeza e mestiçagem nomeiam o nacional mas o encerram em sua imobilidade, a impossibilidade de o país avançar, constituir-se como nação moderna. (ORTIZ, 2013, p. 615).

Parece Policarpo afirmar os pressupostos de Roland Corbisier, um dos intelectuais do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), que disse que: “Descobrir o país, tomar consciência de sua realidade, de seus problemas, e forjar a ideologia capaz de configurar o seu futuro, promovendo o seu desenvolvimento e a sua emancipação. Não temos outra coisa a fazer, senão inventar o nosso destino” (ORTIZ, 2013, p. 617).

[...] até a Semana de Arte Moderna não teria havido história no Brasil, apenas pré-história (a afirmação nos lembra Hegel, para quem a China era uma sociedade imóvel, sem história), a partir deste momento o país começaria a ter consciência de si mesmo. Os problemas e os preconceitos existentes até então – o passado escravocrata, a sociedade patriarcal, as dificuldades de se implantar um regime político democrático, a fragilidade da industrialização, a pobreza – podem enfim ser enfrentados. Não obstante, neste momento de “se fazer história” as dificuldades ainda permanecem: a situação colonial do país, sua dependência em relação à Europa e aos Estados Unidos, o subdesenvolvimento econômico e social etc. Torna-se necessário construir um projeto político capaz de libertar-nos de nossas amarras, de nosso passado colonial. Neste sentido, o Brasil seria um país sem passado, somente o futuro nos interessaria... (ORTIZ, 2013, p. 617).

Silva Romero (1960) *apud* (ORTIZ, 2013, p. 618), diferentemente do major Quaresma, afirma não podemos nos desprender de nossos colonizadores: “A nação brasileira não tem em rigor uma forma própria, uma individualidade característica, nem política, nem intelectual. Todas as nossas escolas (científicas e literárias), numa e noutra



esfera, não tem feito mais em geral do que glosar, em clave baixa, as ideias tomadas da Europa.” Ou seja, por mais que o major desejasse retornar às origens, de antes da colonização, não seria possível, pois já sofremos as influências e não conseguimos nos desprender totalmente delas.

Segundo Ortiz (2013) a nação só consegue construir sua própria identidade sendo referenciada com outras nações, inclusive com aquelas que fizeram parte da sua colonização: “Afinal, toda identidade é relacional, integra algo que contrasta com sua diferença: as outras nações. Por isso a temática da imitação do estrangeiro é uma constante no debate sobre cultura brasileira” (ORTIZ, 2013, p. 615).

Da mesma maneira como Lima Barreto tenta criar uma identidade brasileira, através de Policarpo Quaresma, outros literatos também o fazem:

Eu havia dito que a literatura sobre as nacionalidades transforma-se numa espécie de senso comum do qual poucos desconfiam, sua autoridade parece incontestável. Os pensadores brasileiros retomam esta aparência de verdade para descrever nosso caráter particular. Sérgio Buarque de Holanda dirá que o brasileiro é “aventureiro”, “inclinado à desordem”, “inquieta e desordenado”, “cordial”; Cassiano Ricardo prefere outras qualidades: “bondade”, “individualismo”, “mais emotivo”, “detesta a violência”; Fernando Azevedo privilegia a “afetividade”, a “irracionalidade”, a “imaginação”, a “tolerância” (ORTIZ, 2013, p. 621).

Assim, como Sílvio Romero, Major Quaresma é um personagem consciente da nossa influência dos povos europeus, mesmo não as considerando saudáveis para o povo brasileiro. “A nação brasileira não tem em rigor uma forma própria, uma individualidade característica, nem política, nem intelectual. Todas as nossas escolas (científicas e literárias), numa e noutra esfera, não tem feito mais em geral do que glosar, em clave baixa, as ideias tomadas da Europa”. (ROMERO, 1960, *apud* ORTIZ, 2013, p. 618).

Tecendo alguns diálogos entre análise literária e a construção da identidade cultural brasileira a partir do discurso de nacionalidade de Policarpo Quaresma

Segundo Oliveira e Lima (2017, p. 11) Afrânio Coutinho 1986, enfatiza que Lima Barreto aproveitou o período conhecido como Pré-modernismo, para expressar em seus romances as “inconformidades do mundo”, ou seja, tudo que ele passava no momento era transcrito para seus romances, como as decepções, tristezas e revoltas, isso fez com que Lima Barreto tornasse um autor diferenciado daquele momento literário, pois, continha



nele algo diferenciado e “estranho”, isto trouxe uma certa confusão para seus romances, onde tentava transformar a literatura um “arma de combate” contra seus problemas.

Sendo conexa a correlação brasileira com outros países, tanto financeira, econômica, social, quanto política e culturalmente:

No mundo globalizado é a inter-relação dos países que determina – em boa parte, não inteiramente – suas possibilidades de expansão e desenvolvimento. Diante do mercado global, das grandes corporações transnacionais, os problemas já não podem ser definidos exclusivamente em âmbito nacional. O mundo é uma arena na qual diferentes atores, organismos internacionais (ONU, FAO, OMC etc.), grandes corporações (Sony, Apple, Google etc.), grandes bancos, ONGs (Greenpeace, Médicos sem Fronteiras, Humans Rights), e claro, as nações, atuam. Os problemas ecológicos são um exemplo claro disso, eles não podem ser reduzidos às fronteiras do nacional, sua territorialidade é planetária (ORTIZ, 2013, p. 621-622).

Diferentemente de Policarpo, Ortiz torna evidente que não existe a possibilidade de uma identidade inteiramente brasileira:

[...] toda identidade é uma representação e não um dado concreto que pode ser elucidado ou descoberto, não existe identidade autêntica ou inautêntica, verdadeira ou falsa, mas representações do que seria um país e seus habitantes. Não há, portanto, o brasileiro, o francês, o americano, o japonês. Importa entender como as representações simbólicas dessas nacionalidades são construídas ao longo da história, qual o papel que desempenham nas disputas políticas ou nas formas de distinção sobre o que seria o Outro (ORTIZ, 2013, p. 622).

Policarpo deseja a qualquer custo desvencilhar-se dos costumes europeus e português, acreditando que essa separação faria o Brasil progredir, possuindo um pensamento oposto ao de (ORTIZ, 2013, p. 622), que considera importante a relação entre os países: “No mundo globalizado é a inter-relação dos países que determina – em boa parte, não inteiramente – suas possibilidades de expansão e desenvolvimento”. Ressaltando que:

É importante, neste ponto da discussão, evitar certos mal entendidos. Não se trata da eliminação das identidades nacionais, tampouco da emergência de uma identidade global substituindo as representações identitárias anteriores. Tenho insistido em meus escritos sobre este aspecto: não existe nem existirá uma cultura ou uma identidade global (por isso cunhei uma diferença conceitual entre globalização e mundialização).³¹ A rigor, não nos deparamos com uma sociedade global, isto é um todo integrado econômica, social, política e



culturalmente, existem assimetrias entre esses diferentes níveis. O processo de mundialização não gera nenhuma unidade orgânica, homóloga à nação, superando-a em territorialidade, apenas disponibiliza novos referentes de natureza mundial que podem ser utilizados no contexto nacional, regional e local (ORTIZ, 2013, p. 623).

Ressaltamos ainda que, comer um alimento estrangeiro não nos tirará a identidade brasileira:

No debate cultural do Brasil dos anos 1960 era corrente encontrarmos a afirmação: “ao importar o cadillac, o chiclete, a coca-cola, o cinema, não importamos apenas produtos mas valores inautênticos que se afastam de nossa brasilidade”. O raciocínio pressupunha a possibilidade de se diferenciar claramente os artefatos segundo suas nacionalidades, atribuindo a noção de autenticidade ao polo do nacional em contraposição ao estrangeiro. Dificilmente conseguiríamos sustentar este tipo de argumentação num mundo em que as mercadorias são globais e as fronteiras entre o interno e o externo revestem-se de outra configuração. (ORTIZ, 2013, p. 624).

O que Quaresma não compreende é que podemos usufruir das influências estrangeiras, mesmo sem nos desfazer das nossas origens:

Eu havia dito que na situação de globalização o Estado-nação perde o monopólio da definição da identidade, isso porém não significa que seu papel deixe de ser relevante. Há duas esferas nas quais sua atuação é exemplar: das políticas culturais e na valorização do nacional no espaço mundial. As políticas culturais tendem a enfrentar questões como a elaboração de regras para a circulação dos bens culturais, o incentivo à produção das artes, cinema, teatro, a preservação do patrimônio histórico, a criação de condições favoráveis para manifestações diversas, da música popular aos eventos folclóricos. Seria ilusório imaginar que esta função desapareça, o Estado vê-se na posição de assegurar os direitos, formalizar determinadas linhas de ação e muitas vezes estabelecer uma ponte entre setores estanques como cultura e economia (ORTIZ, 2013, p. 627).

Segundo Ortiz, ao invés de negar o estrangeiro, devemos nos inserir no mundo globalizado:

Tradicionalmente, a temática da cultura brasileira restringia-se ao território nacional, a construção da identidade tomava como referência o espaço geográfico e simbólico do país, esta era a matéria trabalhada pelo pensamento brasileiro. A dimensão externa resumia-se à uma troca de olhares entre a periferia, debatendo-se na sua identidade problemática, e o centro, Estados Unidos, Inglaterra, França, Alemanha (não toda a Europa), cujos passos e virtudes deveriam ser imitados. O espelho da modernidade inacabada terminava por reforçar os defeitos e



as imperfeições. Esta era a visão que os norte-americanos tinham do Brasil e da América Latina durante boa parte do século XX, uma região de católicos indolentes, ignorantes, supersticiosos, incapazes de se esforçar e desprovidos de iniciativa, contraste radical com as qualidades da americanidade: um país protestante, educado, trabalhador, industrioso e racional. Atualmente, o quadro é outro, a circulação global dos bens simbólicos incide na circulação das representações nacionais, elas se veem diante de uma espacialidade dilatada desenraizada da “pátria chica” ou do “paese”. É preciso inserir o Brasil no interior de um mercado de trocas que se fazem num âmbito cada vez mais amplo, as construções simbólicas do nacional transbordam os limites do lugar e movimentam-se em escala global (ORTIZ, 2013, p. 629-630).

Talvez Policarpo pudesse utilizar os produtos naturais brasileiros para mostrar nossa cultura ao mundo, não deixando de consumir os produtos dos demais países, mas incentivando a exportação, como retrata Ortiz:

Para as corporações transnacionais, o mundo é uno e diverso, se o objetivo é produzir e vender em escala global a ideia de totalidade é necessária. No entanto, a existência de países, regiões, religiões, classes sociais, etnias, coloca obstáculos às ambições empresariais. Neste caso, a cultura surge como instrumento para impulsionar o comércio. O Estado torna-se assim um elemento ativo na promoção da brasilidade, ele incentiva, provê aos interesses privados meios e recursos, e chancela os produtos com os ícones da identidade brasileira. Este é o objetivo da “marca Brasil” vinculada ao Ministério do Turismo, sua intenção é promover o país no mercado exterior. Mas qual a sua abrangência, o que ela contempla? Cito uma das respostas possíveis: “As sandálias havaianas, a cerveja Brahma, a caipirinha, a cachaça, o Legacy da Embraer, o café, a soja, o carnaval, o samba, o Cristo, o Rio de Janeiro, a Avenida Paulista, o Pelourinho, Olinda, a Amazônia, Bonito, os Pampas, as praias, Ilhabela, o aquífero Guarani, as dunas de Natal, Jericoacoara, a Natura, Silvio Santos, Paulo Coelho, Wilson Simonal e Tim Maia, Roberto Carlos, Xuxa, o Corinthians, o Santos e Pelé, a Vale, a Laranja, a USP, o IBMEC, o Pré-Sal, a Amazônia Azul, o porto seguro para o mundo, a alimentação do mundo, a água do mundo, e aí vai uma série de riquezas que mostram o quanto do Brasil é uma marca mais forte do que parece, e até mesmo do que entrega. Todos querem o Brasil, principalmente agora” (ORTIZ, 2013, p. 630).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos fatos explicitados durante o artigo, podemos considerar pertinentes os pensamentos de Ortiz, 2013, que, diferentemente de Quaresma, acredita não em um povo



brasileiro uno e descendente dos índios, mas uma totalidade Brasileira, formada por diversas influências:

Quando escrevi “Cultura Brasileira e Identidade Nacional” queria justamente romper com esta tradição intelectual que postulava a existência de uma essência que poderia ser descrita como raiz ou um algo a ser alcançado no futuro. Procurei trabalhar com a ideia que a identidade é uma construção simbólica que se faz em relação a um referente. Os referentes são múltiplos, étnicos, de gênero, regionais e, no caso que nos interessa, nacionais. Neste sentido, toda identidade é uma representação e não um dado concreto que pode ser elucidado ou descoberto, não existe identidade autêntica ou inautêntica, verdadeira ou falsa, mas representações do que seria um país e seus habitantes. Não há, portanto, o brasileiro, o francês, o americano, o japonês. Importa entender como as representações simbólicas dessas nacionalidades são construídas ao longo da história, qual o papel que desempenham nas disputas políticas ou nas formas de distinção sobre o que seria o Outro (ORTIZ, 2013, p. 621-622).

Além de necessária a relação com outras nações: “O Estado-nação não mais possui o monopólio da definição da identidade, o nacional deve conviver e concorrer com diferentes afirmações identitárias produzidas no seu interior ou no espaço da modernidade-mundo. A integridade do todo é cindida. Do ponto de vista cultural, o processo de mundialização tem ainda implicações na redefinição da categoria de espaço. Um aspecto que nos interessa diz respeito às noções de próximo e distante, autóctone e estrangeiro. As fronteiras entre essas antinomias, sobretudo com a expansão e utilização das tecnologias atuais (satélites, internet, telefones celulares, deslocamento em avião etc.) tornam-se muitas vezes opacas.

Desta maneira, ao concluir as análises aqui desenvolvidas em *Triste Fim de Policarpo Quaresma* sob a lupa da crítica literária e teorias sobre a cultura brasileira na perspectiva antropológica e sociológica, muitos de nós, leitores, nos questionamos sobre a sanidade do protagonista Policarpo Quaresma. O que queria nos apresentar Lima Barreto: um nacionalista ou um louco? Queria ele nos mostrar qual ínfimo é o elo entre ambos, que chega a se romper durante o romance? Beth Brait, professora do Departamento de linguística, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, nos apresenta uma visão carnavalesca do personagem:

Os tortuosos caminhos de Policarpo são mostrados com a dose de humor necessária para que essa verdadeira aula de história e de cultura brasileira não se torne monótona. Ao mesmo tempo em que corre um



fio narrativo centrado nos percalços desse brasileiro que idealiza a pátria e que acaba tendo nela um motivo de profundas decepções, há uma fina camada de ironia corrosiva que pode em alguns momentos transformar-se em humor declarado ou em forte caricatura, e que permite focalizar os limites da ideologia nacionalista, quer da perspectiva do protagonista, quer da realidade com que se defronta (BRAIT, 1993, p. 8).

Baseando-nos na autora anterior, podemos acreditar que Policarpo não era louco, mas simplesmente um personagem caricaturado, com atitudes exageradas para que o leitor se sentisse instigado a ler e a perceber mais claramente as dificuldades enfrentadas pelo povo brasileiro no período republicano.

REFERÊNCIAS

BAUER, Otto. **La cuestión de las nacionalidades y la socialdemocracia**, Cidade do México, Siglo XXI, 1979.

BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. 5. ed. São Paulo: FTD, 1998. (Coleção Grandes Leituras)

BRAIT, Beth. **A Personagem**. 5. ed. São Paulo: Ática S.A, 1993.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

OLIVEIRA, Cinezia Pina de Lima; LIMA, Leilane Teixeira de. **Estudo das personagens do romance *Triste Fim De Policarpo Quaresma de Lima Barreto***. 2017. 37f. Monografia (Graduação em Letras), Universidade Federal do Pará (UFPA), Faculdade de Letras (FALE), PARAGOMINAS.

ORTIZ, Renato. Imagens do Brasil. In: **Revista Sociedade e Estado** – V. 28, N. 3 Setembro/Dezembro 2013. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/se/v28n3/a08v28n3.pdf>> Acesso em: 06 mar. 2018.